

*Adolescência – turbulências e calmarias*

**Maria Cecília Schiller Fonseca**

IBPW/IWA

Apesar de diferenças e especificidades que possam existir entre épocas e culturas, sexos e gêneros, a adolescência é um marco. É um período de transformações importantes no amadurecimento de todo ser humano.

Winnicott, com sua vasta experiência, não apenas em atendimento clínico, mas também em casas de acolhimento para crianças evacuadas durante a Segunda Guerra em Londres, nos deixa um rico legado para o entendimento dessa etapa da vida.

A passagem entre a puberdade e o início da vida adulta traz muitos desafios, tanto para o adolescente como para quem lida com eles.

É época de rearrumação de situações maturacionais vividas na infância, onde voltam a se manifestar as potencialidades e as experiências vividas, sendo necessário um ambiente facilitador para que essa se dê da melhor forma possível.

Esse turbulento processo exige muito dos pais, professores, sociedade, e a palavra de ordem para todos é sobreviver. Sobreviver adquire o sentido de viver essas situações, que muitas vezes possuem caráter provocatório, sem sucumbir nem retaliar, discordar sem atacar. Suportar com frequência serem responsabilizados por erros que, para o adolescente, podem ser apenas não terem correspondido às expectativas. É quando os pais ouvem com frequência: “Eu não pedi para nascer!”. Essa frase implica a tentativa de transferir para eles as responsabilidades, mas também contém um pedido de ajuda.

O discordar e o confronto são importantes. Aparecem com mais força quando o adolescente se vê tendo que enfrentar situações para as quais se sente despreparado e impotente. Traz essa ansiedade para as relações próximas, sendo os pais os principais protagonistas. O ambiente familiar é onde ainda se sente em segurança, um lugar confiável para exercer a busca de sua identidade pessoal e de seu lugar no mundo adulto.

Está buscando sair dessa proteção, mas tem que testar e encontrar ali um lugar de onde pode sair, mas com a certeza de poder voltar. Essa saída exige criar e usar recursos próprios e estes estão em estado de solidificação. Ainda não estão inteiramente disponíveis para serem usados nessa busca de lugar no mundo adulto, que desafia e ameaça.

Os principais conflitos envolvem o uso da agressividade e da sexualidade. As fantasias infantis de morte e destruição agora são mais assustadoras. O desenvolvimento da força física o coloca diante da possibilidade de usá-la concretamente. Agora tem a capacidade de matar, destruir. Assassinato, autodestruição e suicídio aparecem como possíveis. Essas ideias assustadoras podem aparecer como explosões de fúria, rebelião e intensa contestação.

Winnicott assim define esse quadro: “Você semeou um bebê e colheu uma bomba” (1968/2011, p. 155). Na convivência com o adolescente são fundamentais e necessários adultos emocionalmente maduros para facilitar essa passagem.

A sexualidade também se impõe de forma exigente e não compreendida e assimilada. Os contatos sexuais são usados preponderantemente como descargas tensionais. O autoerotismo e a masturbação são o dominante.

Quanto mais fornecemos liberdade e acolhimento, mais se torna capaz de contestar, mostrar sua rebeldia. Algumas vezes aparecem sob forma de comportamento antissocial, pedidos de ajuda nessa busca de identidade pessoal.

Uma característica é estar sujeito a uma alternância entre um estado de dependência infantil e uma independência com traços de rebeldia feroz. Passa rapidamente de um para o outro, decorrente da passividade que vive em relação ao seu crescimento, tanto físico quanto emocional. Esse crescimento é imposto a eles, sem ter muito o que fazer ativamente. A rebeldia, em suas muitas formas, vem como resposta e tentativa de quebrar a sujeição a esse processo.

Há uma excelente expressão usada por Winnicott para esses momentos: “*doldrums*”, pinçada da linguagem naval. Ela se refere às “zonas de calmaria” em que ficam os navios (e os adolescentes!), esperando por novos ventos, novos impulsos para navegar. Quando estão passando por essas zonas, sentem-se sem rumo, passivos, fúteis, apenas esperando. É um estado de suspensão na busca da própria identidade.

O estado sobre o qual tudo isso se instala é o de imaturidade. Winnicott dedica ao assunto um texto importante intitulado “A imaturidade do adolescente” (1968/2011), no qual acentua a importância desse estado, considerando-o como sagrado e fundamental para o adolescente. Faz parte da saúde e tem que ser respeitado. É vital poder vivê-lo com a contenção e o amparo da família e da sociedade. Ambas têm como responsabilidade fornecer isso. É direito do adolescente. Em algumas culturas os ritos de iniciação são aceleradores dessa passagem que não deve ser acelerada ou retardada. Importante não queimar etapas, pois como nos diz Winnicott: “Só há uma cura para a imaturidade, e esta é a passagem do tempo” (1969/1975, p. 198).

O adolescente quer buscar suas próprias soluções, não aceita soluções externas, principalmente falsas soluções. Muitas vezes não quer ser entendido, quer poder viver e fazer suas próprias descobertas. É idealista e radical. Precisamos ter cuidado para não o invadir. Podemos e devemos discordar dele, mas não o submeter ao nosso modo de ver e viver a vida.

No fundo, o adolescente é um ser isolado. Há um reviver do abrigo no mundo subjetivo. O grupo adolescente tem a característica de ser composto por seres isolados. A procura do grupo se dá por identificação de algum ideal, gosto, preferência, que são voláteis. Quando se sentem ameaçados se apoiam fortemente. Passada a ameaça voltam à condição de isolamento, mesmo dentro do grupo.

O mundo atual com sua tecnologia digital muito frequentemente funciona como um invasor para esse necessário isolamento. Traz a presença constante do outro, interferindo em integrações pessoais que precisam desse isolamento para serem feitas. Traz a exigência de que se coloque, reaja, quando precisa de silêncio (mesmo com música alta!). Tem que se colocar quando ainda não se sente pronto, provocando aumento da ansiedade.

É importante que os pais, assim como a sociedade, acreditem que a adolescência é uma transição, que passará. É preciso acreditar que, se essa fase for bem vivida, chegará a se constituir gradativamente um adulto integrado. Assim, o adolescente poderá alcançar a capacidade de viver sua vida, responsabilizar-se por ela, fazer escolhas. Poderá se sentir real e verdadeiro. Essa maturidade alcançada o levará a contribuir de modo criativo e democrático com a sociedade, sem perda de sua identidade pessoal.

## Referências

Winnicott, D. W. (1968). A imaturidade do adolescente. In: D. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 145-163). São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Winnicott, D. W. (1969). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In D. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 187-202). Rio de Janeiro: Imago, 1975.